2.° Anno — Lisboa, 23 de Novembro de 1885 — Numero 19

A Illustração Portugueza
Semanario
REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

SUMMARIO

LISBOA: — VISTA DE UMA PARTE IMPORTANTE DA CIDADE E DO TEJO

CHRONICA

A RECOMPOSIÇÃO MINISTERIAL

A Chronica foi hoje agradavelmente surprehendida, no seu despertar, por uma noticia de sensação, que a rejubilou até ao delirio e que veio absorvel a em cogitações profundas até ao esquecimento do proprio almoço. A Chronica lêra os jornaes da manhã, e por entre os boletins da guerra do Oriente, que annunciavam uma esfrega mestra dada pelos bulgaros na filaucia dos sérvios, d'envolta com as *réclames* ao beneficio do Santanna do Gymnasio e aos chapeus modelos da sr.ª Cecilia Fernandes, deparou-se-lhe a estranha e boa nova de que havia sido recomposto o ministerio.

A principio, não acreditou no que lia; julgou-se mystificada por algum espirito maligno; chegou a suppor que sonhava, ou que a vista se lhe embaciara no ultimo somno matinal até ao ponto de não poder fixar bem os caracteres typographicos; mas depois leu e releu muitas vezes a noticia, de diante para traz e de traz para diante, adquirindo por fim a plenissima certeza de que se não illudira. Era mais do que certo. O ministerio tinha sido effectivamente recomposto com dois globulos poderosos de sangue novo, de sangue puro e forte, o sangue da justiça e o sangue das obras publicas, inoculado por dois conselheiros, um conselheiro poeta e um conselheiro bibliophilo, um amigo devotado das musas e um investigador infatigavel de antiguidades, um *chercheur* de rimas sonorosas e um *chercheur* de Gothicos pulverulentos.

A' força de os indigitarem para membros do poder, em todas as situações periclitantes, o poder foi ter com elles, quando ambos se entretinham, cada qual para seu canto, amontoando alexandrinos luminosos e manuseando edições manuelinas.

A visita não os surprehendeu nem ao de leve. Um d'elles já tinha o corpo affeito á farda ministerial, e conhecia a fundo o segredo da fechadura de duas pastas. Amphibio illustre da governança, dirigira os destinos do reino e da marinha, com um pé no Oceano e outro em terra firme, fazendo eleições no continente e estudando os problemas do ultramar. A's vezes descansava das fadigas governativas, e partia-se, como um collegial sedento de liberdade, em excursão venatoria até Parada de Gonta, esculpindo um soneto rendilhado no pincaro de cada rochedo, recitando uma endeixa ás brisas embalsamadas dos formosos vergeis da Beira. Mas nem por isso a politica deixava de preoccupal-o. Na sua bagagem de *touriste* ia sempre, ao lado da lyra sonorosa, a farda de conselheiro, constellada de oiro fino, para estar prompto á primeira voz. Se a patria lhe pedisse um poema, dava o poema pelo correio; se o partido carecesse de um ministro para resolver casos difficeis, vinha o ministro pelo primeiro comboio expresso. Olho no alaúde, olho nas espheras ministeriaes, Thomaz Ribeiro,—pois é d'elle que se occupa a chronica—não deixava nunca de cantar, nem de seguir passo a passo os negocios da administração publica. Hoje um discurso, amanhã umas redondilhas, agora um artigo de fundo retumbante nas *Republicas*, logo umas oitavas brilhantissimas de saudação a Capello e Ivens, o vate-conselheiro,—alma ás musas dada, braço ás pastas feito—conservava-se sempre em pleno exercicio lyrico-governativo, aguardando que lhe fossem entregar o poder ou pedir uns versos. E' por isso que a visita do poder não o surprehendeu.

Manuel d'Assumpção—o outro novo ministro da Corôa—ainda não tinha farda, mas era muito capaz de a ter, e tanto que vae tel-a agora, se é que a estas horas lhe não chegou já do Nunes Corrêa, com os botões de oiro cuidadosamente velados em papel de seda côr de rosa, e as bordaduras da gola a sorrirem-lhe uns risos luminosos, a enfeitiçal-o, a namoral-o com os seus arabescos, com as suas curvas caprichosas, com os seus desenhos elegantes, a segredarem-lhe mansinho que ha de ir amanhã afundar os pés nas alcatifas flaccidas do regio alcaçar; submetter decretos da sua lavra á sancção suprema da realeza; ver curvar-se diante de si um mundo de cortezãos, de esfaimados, de aduladores servis e famelicos, de presbyteros sem arrimo, de juizes sem consciencia, de delegados sem comarca, de priores bojudos e de conegos octagenarios distillando simonte pelas narinas escancaradas.

Segredar-lhe-hão tudo isto os bordados fulgurantes da farda ministerial, mas elle não se commoverá, boquiaberto, como um cego a quem a mão do operador habil arranca as cataractas densas, e descobre de subito os brilhos estonteadores e diamantinos de uma aurora. Desde as suas primeiras armas na Camara, armas de paladino esforçado e aguerrido, a opinião apontou-o logo como cavalleiro digno de escalar o poder, por mais alto que elle estivesse. Feita a conquista das esporas de oiro, o deputado eloquentissimo aguardou a nomeação de ministro, sem soffreguidões ambiciosas nem impaciencias febris. Ella havia de vir por força, vaticinára-lh'o a voz do povo, que quasi nunca mente; o caso era saber esperar.

E no entretanto, durante o seu longo periodo de expectativa, Manuel d'Assumpção recebeu cincoenta vezes o parabem de conhecidos e amigos, que tinham lido outras tantas, nos jornaes alviçareiros, a noticia mentirosa de que lhe fôra confiada a gerencia d'esta pasta, e d'aquella e d'aquell'outra. Deram-lhe por ahi todas as pastas, envolveram-n'o em todas as recomposições ministeriaes, proferiram o seu nome em todos os momentos de crise, e á força de o pintarem ministro, acabaram por convencel-o de que já o era a valer, tanto mais sendo deputado da maioria, e conselheiro, e diretor geral, e tudo.

N'estas circumstancias, quando a nomeação régia lhe entrou de facto pela porta dentro, e foi encontral-o curvado sobre uma avalanche d'alfarabios antediluvianos e manuscriptos bolorentos, Manuel d'Assumpção, o novo secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça, não teve um unico gesto de assombro, não pestanejou, boquiaberto, diante do real decreto. Ergueu, com imperturbavel serenidade, a vizeira de cavalleiro, encarou o poder de frente, estendeu-lhe a mão vigorosa e firme, e disse-lhe, na sua voz de barytono, clara e sonora:—Bemvindo sejaes, que já de ha muito vos aguardava. Quedae-vos aqui em paz commigo, comtanto que me não roubeis nunca ao doce convivio dos meus Gothicos...

Mas porque motivo me surprehendeu, a mim, a noticia de que fôra recomposto o ministerio? Ah... já sei; é que eu tinha-me habituado á ideia de que tal ministerio não existia, farto de o ver assassinar, em boatos successivos de crise, pelas opposições carniceiras.

Felizmente não estava morto: estava apenas aleijado, e concertou-se. Parabens ao paiz, e o meu cartão de visita aos novos conselheiros d'Estado.

CASIMIRO DANTAS.

OS CRIMES ELEGANTES

I

No convento

Era a hora da recreação.

O sol do outono, um sol já muito enfraquecido, avelhantado, aquecendo apenas como que por demais, por aquecer, para mostrar que sempre era sol, dourava as laranjas redondas que se balouçavam no pomar da cêrca: o jardim estava pobre e despido; as folhas amarellas, que cahiam dos grandes pecegueiros frondosos, não deixavam parar varridas as suas ruas, correctamente desenhadas; as rosas brilhantes que o perfumavam no doce mez de maio ha que tempos que tinham dito adeus ao roseiral; as roseiras estavam agora nuas, sem uma folha sequer, eriçadas de espinhos, como esqueletos de peixe muito bem aproveitado; as *boas noites*, embuçadas nas suas pétalas fortemente coloridas, dormiam somnolentas, como aves nocturnas, esperando que o dia acabasse para ellas principiarem o seu fadario, e apenas as dahlias muito grandes, muito aveludadas, muito vistosas, se espanejavam triumphaes nos seus troncos verdes, com a sua correcção de formas, com a sua harmonia de pétalas, que lhes davam o aspecto perfeito e monotono de flores, de panno, feitas a fôrmas cuidadamente moldadas.

A falta de flores no jardim era compensada largamente, n'essa hora de recreação, por uma grande abundancia de crianças de varias edades, que corriam, saltavam, gritavam, enchendo os echos silenciosos do outono com o chilrear alegre das suas gargalhadas estridentes e da sua vibrante mocidade.

Aqui e ali, como tristes cyprestes plantados desastradamente no meio d'um taboleiro de rosas, duas ou tres *sœurs*, as mestras graves do convento, manchavam com o sinistro aspecto dos seus habitos monacaes, o espectaculo radioso d'aquelle alegre jardim de creanças em festa.

Um pouco distante, n'um pequeno caramanchão de hera que terminava uma das ruas do jardim, duas educandas, assentadas n'um banco de pedra, trabalhavam ambas na mesma tira de *crochet*, afastadas dos folgares joviaes e dos brinquedos acreançados das suas companheiras.

Eram as duas *grandes* da classe. As outras, as que brincavam, eram tudo criançada. Ellas não, ellas eram já duas pequenas senhoras; uma, a loura, a Clarinha, tinha os seus quatorze annos feitos já pelo S. João; a outra, a morena, a Condessinha, ia fazel-os para o natal.

Clara estava no convento havia seis annos.

Fôra para ali muito pequena, e nunca tivera uma amiga.

As grandes d'então, do tempo da sua entrada, não faziam caso d'ella: as outras, as da sua edade, tinham desapparecido, pouco a pouco, á medida que iam crescendo.

Depois, tinha havido um escandalo grande no convento.

Um dos sacerdotes, que frequentava mais a casa, que era tido lá dentro como um oraculo, que passava por um santo, por um homem que havia d'aqui a duzentos annos dar que fazer ao Vaticano e á archeologia, como bemaventurado e como mumia, abjurára um bello dia da religião catholica, apostolica, romana, para abraçar o protestantismo e a mestra de piano.

Os jornaes fallaram muito no caso.

Demais a mais o caso deu-se em pleno verão.

Assumptos não havia nem meio: toda a gente fóra da terra, theatros fechados, nem um assassinato sequer, e nem sequer uma epidemiasinha ao pé da porta. O padre e a mestra de piano cahiram do ceu: alimentaram durante um bom mez a imprensa periodica e deram consumo a mais de dois mil linguados de boa e indignada rhetorica anti-clerical.

Quem perdeu com a coisa foi o convento. Os paes que tinham lá filhas a educar, foram sempre, por amor das duvidas, tirando-as cá para fóra, e durante os seus tres annos Clarinha achou-se sosinha no convento com as mestras, porque seu pae andava lá por fóra a viajar e não soubera do romance do padre e da pianista.

Finalmente tudo passa n'este mundo, e o escandalo passou.

Um titular de fresquissima data, mas muito conceituado no mundo catholico portuguez, mundo que contribuira muito para o elevar á alta nobreza, o conde de Sendim, aproveitou habilmente um desastre da sua vida para dar o signal do esquecimento do escandalo, prestando assim um revelantissimo serviço ás altas influencias postas em jogo para rehabilitar o convento na consideração publica.

O conde de Sendim tinha dois filhos, um rapaz que elle mandára, quando ainda era simples commerciante no Porto, seguir a vida de commercio para a Inglaterra, e que, depois de elevado a conde, nunca pensára em mandar buscar, e uma filha mais nova, que vivia no Alto Douro com sua mulher, a condessa de hoje, uma velha provinciana que nunca quizera abandonar a sua herdade, transformada pelo rapido enobrecimento do seu proprietario, em velho solar aristocratico.

Ora precisamente n'esse anno, ao começar o cair da folha, a pobre condessa deu a alma a Deus.

O conde recebeu a noticia em Lisboa, onde, a titulo de negocios politicos, assentara de ha muito residencia, e juntamente com a noticia, a filha coberta de lucto, banhada em lagrimas e acompanhada por um velho rendeiro, que entendera não poder deixar a viver sósinha, lá n'uma herdade deserta, erma dos affagos da familia, uma pobre creança de treze annos.

Sósinho em Lisboa, ou antes peior do que sósinho — mal acompanhado — o conde de Sendim ficou muito mais embaraçado com a presença da filha do que com a noticia da viuvez.

Apesar de não ser muito caturra em questões de moralidade, repugnava-lhe abertamente, terminantemente, a idéa de metter sua filha em sua casa, na casa onde vivia uma mulher que não era sua mãe.

—Que fazer da pequena?

De repente occorreu-lhe a idéa salvadora.

Pretextando umas obras impertinentes, incommodas, na sua casa de Lisboa, levou sua filha para um hotel, esteve ahi uns oito dias com ella, e depois, com grande approvação de toda a gente que com elle se dava, ponderando severamente, que não podia, como viuvo, como homem só, tomar conta em sua filha, velar pela sua educação, sobretudo pela sua educação religiosa, notando a difficuldade que infelizmente ha, de se encontrar nos tempos libertinos que vão correndo, uma mulher illustrada e temente a Deus, a quem se possa entregar uma menina, lembrando que effectivamente tinha em casa uma mulher, uma governanta, que era muito boa como governanta d'um homem só, mas que podia muito bem não ser, e não era, competente para educar uma menina em edade tão melindrosa, tomou a resolução, dura para elle, mas em summa inevitavel, de a metter n'um recolhimento, a receber a sua educação intellectual e religiosa.

E sentindo-se ao mesmo tempo feliz, continuava elle, em poder n'esse momento reparar uma grande injustiça do mundo, e dar uma prova da sua consideração e da sua confiança a um estabelecimento religioso tão cruamente provado por um desgraça a que fôra completamente alheio, levava sua filha para o convento das *Chagas Divinas*, para aquelle convento d'onde o escandalo, produzido por um sacerdote tentado pelo demonio, afastára a concorrencia das educandas.

O exemplo do conde de Sendim produziu logo os seus resultados. A interdicção lançada contra o convento principiou a levantar-se pouco a pouco, e os paes começaram a mandar para lá suas filhas, mas pelo sim pelo não, só as mais pequenas ..

E foi assim que, ao cabo de seis annos de convento, sosinha, na intimidade triste e severa de umas freiras velhas e de umas mestras graves e cada vez mais raras, porque não havendo discipulas a abbadessa foi-as despedindo, a Clarinha teve emfim a boa sorte de encontrar uma companheira da sua edade, uma rapariga de quatorze annos, boa, amoravel, carinhosa, uma amiga finalmente.

E por isso, agora, todos os momentos que tinham livres, as duas amigas empregavam-os em conversar, em deixar tagarellar as suas linguas e os seus corações; e emquanto as suas pequenas companheiras brincavam e corriam no jardim, na hora da recreação, ellas, as duas, affastadas dos brinquedos, assentadas uma ao pé da outra, tomando um panno de *crochet* para pretexto, fallavam baixinho, muito alegres, muito felizes por se terem encontrado uma á outra, aconchegando-se deliciosamente dentro d'essa boa intimidade de amigas, de companheiras de collegio e de idade, d'essa delicia suave de ter com quem conversar, que ambas até ali desconheciam...

(Continúa.)

GERVASIO LOBATO

DESALENTO

Foge-me a luz do teu amor tão pura!
Gela o meu coração outr'ora ardente:
Como a neve dos pincaros fundente,
Se passa entre ella e o sol nuvem escura!

A mortalha cruel da desventura
— Invólucro d'um corpo que ainda sente—
O meu envolve todo, e lentamente
Vou descendo os degraus da sepultura!

Mas quando a Morte me levar - escuta—
A Morte; que eu não sei se d'esta lucta
Entre a Vida e o Amor, a Vida finda,

Ergue a lagem do meu jazigo triste,
E verás que entre o pó gelado existe
Um coração a palpitar ainda!...

A. L.

A REALIDADE

Deliciosa, n'aquella penumbra encantadora e fina do seu *boudoir* elegante, coada pelos *abat-jours* rosados dos pequeninos candelabros chinezes. As persianas estão cerradas; o store de papel de arroz, severamente corrido, deixa em pleno fundo, a descoberto, os desenhos estravagantes dos pintores japonezes; as myosothis e dhalias da floreira de ebano com incrustações de bronze dourado, destacam-se violentamente d'entre os subtis cortinados de cassa bordada; e ao fundo, sobre o divan de setim azul celeste, a figura vaporosa e estonteadora de Coralia esbate-se em curvas languidas e mysteriosas, deixando emmergir da sombra um collo branco de neve, umas mãosinhas diaphanas de duqueza e uns labios muito vermelhos e humidos que supplicam beijos. No chão evidenceia-se, sobre a pelle negra d'um leão da Numida, o seu pequenino pé arqueado, leve, seductor, terrivelmente andaluz, calçado em setim negro e seda branca, e tremendo impaciente, como se, sob o salto do sapatinho decotado, trabalhasse um electro-iman poderoso.

Em cima da *etagère* um relogio antigo marca vagarosamente o decorrer do tempo. Coralia folheia distrahida um livro qualquer, e as longas pestanas dos seus olhos sensuaes, sombreamlhe levemente a face finissima, d'uma indefinivel pallidez lactea de marfim antigo.

Alguem agita lá fóra a campainha; seguidamente ouvem-se uns passos lentos e pezados, que fazem ranger os degraus da escada.

Coralia escuta attenta, põe de parte o livro, e um sorriso ironico pousa nos seus labios encantadores. A porta do gabinete abre-se de manso e um homem assoma no limiar.

—General—exclamou ella alegremente; e, mais reservada,—entre, assente-se aqui, parece que vem cançado...

—Não, minha boa amiga; o caminho não é longo, e que o fosse, parecer-me-ia curto pelo desejo que tinha de a ver...

—Sempre galanteador!..

—Então, pensou no que lhe disse?

—Pensei muito.

—Muito?!

—Muitissimo!...

—E d'ahi?...

—E d'ahi... tenho receio de lhe dizer o que pensei.

—Porque?

—O general vae ficar mal commigo, mal para toda a vida, e eu já receio até o seu olhar chammejante condemnando a minha indefesa e humilde pessoa ao odio do seu ressentimento.

—Assusta-me com essas palavras, Coralia! Que poderia v. ex.ª pensar para merecer os meus odios profundos?

—Uma coisa muito simples.

—Mas por Deus, explique-se!

—Venha então cá, exclamou ella com um sorriso infantil a brincar-lhe no carmim dos labios como uma mariposa sobre as petelas d'uma camelia; assente-se aqui ao pé de mim, disponha de toda a sua tranquillidade, e ouça-me.

O general arrastou-se até ao divan, disfarçando a custo a gotta senil dos seus joelhos, e esperou impaciente que Coralia fallasse.

—O general, disse ella sempre sorrindo, offereceu-me a sua mão.

—E' certo.

—Disse-me que me adorava, que queria viver só para mim e por mim, que toda a sua felicidade consistiria em desposar-me e que a sua alta posição e a sua fortuna me garantiriam uma existencia de gosos e venturas a que eu não posso aspirar com a minha mais que modesta pensão mensal. Eu guardei na memoria as suas boas palavras, e sabe o que me aconteceu? Sonhei!

—Sonhou?!...

Sonhei acordada. Imagine que o vi em sonhos, ataviado com a sua farda de gala, com as suas condecorações, o seu chapeu agaloado de ouro e a sua espada de honra, sorrindo-se para mim, vestida de setins e arminhos, com perolas e diamantes nos braços e nas orelhas, nos dedos e no pescoço, e conduzindo-me por um enorme salão atapetado, prenhe de moveis da India e quadros de familia, severos e graves na sua mudez austera. Descemos ambos uma escadaria de marmore alcatifada de vermelho, entrámos n'uma carruagem esplendida, e fomos para um baile da côrte, onde dezenas de cortezãos recamados de ouro e veneras solicitavam de mim a honra de uma walsa, emquanto o general fallava com el-rei, enchendo-me de orgulho e de satisfação vaidosa.

—E tudo isso havia de realisar-se, interrompeu o general, palpitante de alegria.

—Assim o creio, meu amigo, mas quando accordei pensei então...

—O quê, diga?!...

—Pensei que tenho vinte e dois annos, e o general setenta e tres. O general é um homem de bem, eu sou uma mulher honesta. Seria incapaz de viver feliz comsigo, e mais incapaz ainda de deshonrar o seu nome. O general está cansado pelos annos e pelos trabalhos; o seu coração agita-se de longe em longe nas ultimas despedidas das doces illusões da existencia, emquanto eu sinto rasgar-se no meu sangue um horisonte enorme de vida e de felicidade. Eu sou romantica como todas as mulheres nascidas n'um meio confortavel e ameno; sonho os idyllios amorosos das bellas madrugadas pelos campos fóra, ouvindo o cantico do rouxinol e o rumorejar da folhagem; as noites vaporosas reclinada á prôa d'um barquinho deslisando pelo Douro ou pelo Mondego; as ascensões na serra de Cintra; os passeios no Bussaco; as caçadas, os picnics, a pintura, a musica e a poesia; mas, para gozar tudo isto que o general me arrojaria aos pés, era mister que o meu bom amigo volvesse aos seus vintes annos' que fosse um simples tenente, que não tivesse a carta de Conselho nem a grã-cruz da Torre e Espada. N'uma palavra, general, o amor é uma cousa que se não faz no ministerio da guerra nem tem absolutamente nada que ver com as vaidades mundanas. O amor é uma felicidade grande como um mundo, que nos enche a alma, e microscopica como um segredo que nos guarda o coração. Não vive de ouro, nem de galas, nem de titulos, nem de brazões. Eu queimaria as primaveras da minha vida nos gelos do seu inverno. Não fique zangado commigo, escute-me e dê-me razão. O general amar-me-hia como se eu fosse uma boneca mimosa. Seria feliz commigo sem prejuiso para o seu somno depois de jantar, para o seu barrete de dormir, para o seu charuto, e para as suas chinellas. Não era falta de amor esse egoismo pelos seus habitos; era a edade. O coração supplicava, mas o corpo escravisava-o, podia mais do que elle.

Sou muito nova, sabe? tenho loucuras de creança, desvairamentos, tolices mesmo, mas seria incapaz de o atraiçoar. A vida que me offertava era risonha e appetecivel, mas se um dia o espinho do amor me ferisse o coração, que desgraça para nós ambos!

O general não imagina talvez o que deve ser o soffrimento do amor quando nos suffocamos sob perolas e damascos, porcellanas caras e velludos pesados, diamantes crystallinos e rubis fulgurantes. No fim de algum tempo, o general sentir-se-ia alquebrar com os cuidados do seu amor por mim. Olhe que o amor é uma coisa que cansa o organismo... creia. Na sua edade havia de ter ciumes, fatalmente, embora injustificados, e isso seria para si um soffrimento horrivel. Depois, mas... não entristeça com as minhas palavras; os vinte annos de uma mulher, em vez de vicejarem, emmurchecem sempre quando se acocoram ante as cinzas quasi frias do inverno d'um septagenario. Não fique zangado commigo, não? Fallei-lhe a verdade tal qual ella é, e não o quiz deter mais n'um sonho que seria para si um supplicio horrivel.

Quero casar-me pobre, mas de fórma a poder expandir livremente, ás madrugadas frescas do amor, toda a minha mocidade e todas as minhas illusões, sem que a hypocrisia ou o fingimento me constranjam o espirito.

—Não diga mais Coralia, exclamou o general levantando-se.

—Retira-se?

—Permitta-me que o faça.

—Vae ficar mal commigo?

—Não o creia; vou reflectir no que me disse, e prometto-lhe que serei sempre o mais respeitoso e dedicado dos seus amigos.

—Obrigada!

O general beijou-lhe a mão, e ella sentiu-o descer a escada parando a espaços e apoiando-se fortemente na bengala de canna da India.

—Pobre velho! murmurou Coralia com um sorriso compadecido, e foi para a janella, anciosa de ouvir esse silvo agudo e prolongado que lhe annunciava a chegada do eleito do seu coração.

*

Um anno depois as gazetas annunciavam o fallecimento do general Athouguia, e Coralia herdava d'elle uma boa fortuna e uma carta, na qual o velho militar lhe tinha escripto:

«A realidade, a triste, a misera, a desconsoladora realidade só v. ex.ª teve a franqueza de m'a evidenciar. Effectivamente, aos setenta e dois annos o casamento é um crime... e o amor um attentado contra os bons costumes.»

....

ALFREDO GALLIS.

OS ALMANACHS

Vicente Ferreira Brandão se chamava o antigo kalendarista do Espirito Santo, homem laborioso que com a extincção dos conventos continuou a compôr as suas folhinhas, pagando quarenta réis pelas de algibeira e vinte réis pelas de porta.

Mas, para que podesse tirar algum lucro, precisava vendel-as a sete vintens, ficando-lhe um tostão para as despezas e ganhos depois do pataco do sello; e, saltando em concorrencia ás folhinhas do pobre egresso os almanachs, ao ponto de de que o aban-

ARREDORES DA GOLLEGÃ

donassem as repartições publicas, que costumavam prover-se das folhinhas do padre, e que se almanakisavam, em obediencia á moda; o antigo kalendarista da congregação do Oratorio, precisando ganhar o seu pão, foi-se pondo tambem a fazer almanachs, como quem diz: Maria vae com as outras.

Ainda a nação — com n pequeno; não a *Nação* jornal, que, esse, deitou tambem o seu almanach, sem prognostico do tempo, mas offerecendo aos seus leitores as prophecias curiosas de S. Malaquias a respeito dos papas — ainda a nação, nos primeiros tempos pareceu ter saudades, por uma vez ou outra, da folhinha de porta, mas, a audacia costuma ser ajudada pela fortuna, e, de todos os lados, n'aquella hora, romperam esforços para se conseguir levar o almanach á gloria!

A primeira de todas, a experiencia mestra, foi a de procurar recursos na poesia.

Viver de versos!

A Ella! — A uns olhos (isso, então, de olhos! chegou a um tal abuso, que foi preciso pôr ponto n'aquillo e passarem as senhoras, na poesia, a não terem olhos!) Saltando-se para insectos, correu tudo para a borboleta: — *A' borboleta! — A' mariposa! — Vaes queimar-te! — Doudejante!*

Não rendendo sufficientemente os insectos, voltaram-se os almanaks para os animaes: *Ao meu cão! - O cão do cego! - Ao tigre! — A panthera! — O grito da hyena! — O leão do deserto!*

Logo que a animalogia principiou a cheirar mal, viraram-se todas as vistas para o vicio e para o crime: fizeram-se hymnos — *A Messalina! — A Agrippina! — A Nero! — A Heliogabalo!*

Quando tudo isso cançou, intentaram, por tabellas e minucias curiosas, noticia das eras, correspondencia de algumas com a vulgar, epocas nacionaes, festas moveis, temporas, computo ecclesiastico; um reconstruir de folhinha antiga á maneira dos mosaistas de Veneza, que recopilavam um quadro do Ticiano com fragmentos de pedras de côr...

Troppo tarde, porém; como, para a Norma, os affectos de Pollion. Perdera se o gosto pela *folhinha*, sem se haver conquistado o amor pelo almanach; e foi necessario fazer d'essas duas obras coxas, uma, que podesse andar, *tant bien que mal!*

Continuaram os versos, mas principiaram *as receitas de utilidade pratica*, um pouco em imitação a um certo Peixoto, da *Agencia primitiva de annuncios*, o qual, em vez de se gabar, de ter como se gabam os tafues lyricos:

> Umas lindas azas brancas,
> Azas, que um anjo me deu!

foi o primeiro, por sua sagacidade, que a morte veiu cruelmente cortar de subito, a occupar-se, n'um almanak, de dar noções sobre tarifas de transporte, ensinar o que convenha saber a respeito de letras da terra, notas promissorias, livranças, onde fiquem situados os divertimentos publicos, onde morem os funccionarios e outras pessoas de estimação; sem nunca fallar da lua... senão para dizer os dias em que ella nascesse.

Em murchando tres, é já sabido, em ar de graça, que rebentam nove, renascendo, não das cinzas como a phenix, mas da poeira das estantes, onde alguns fiquem de um anno para o outro

O de *Lembranças*, marechal de campo... O das *Espadeiradas*, epigrammas, fabulas, baladas, prosas apimentadas... O *Gargalhadas* com scena comica revolucionaria... O do *Toureiro*, para restaurar as pégas... O *Nacional, de ricos e pobres*, para que não passem sem elle os remediados... O dos *Fadistas*, com desabafos poeticos á guitarra... O do *Futuro*, que não diz palavra do passado... como as *coquettes*... O do *Zé-povinho*, com estampas... e convicções! O do *Taborda*, tendo entre outras prendas, o roteiro das ruas, travessas, praças, pateos, largos, campos, escadinhas e beccos da cidade de Lisboa! O do *Bom fadista*, já que, em tudo, ha *bom*, e máo. Um, do *Borda d'Agua*, que vem encolhido, por modestia, e por não se propôr hombrear de um dia para o outro com o celebre *Repertorio do Diario Lunario Europeu*, composto em Coimbra por Antonio de Sousa, que se considera successor do *Borda d'Agua*. O do *Trinta*, picante, popular, vivaz. O *Commercial burocratico e noticioso*; indispensavel. O *Portuguez*, ao qual basta o titulo, sem abusar de qualificativos, como os creados das casas de pasto de Italia, quando repetem a lista: — *Uma minestra superlativa, uma frittura supraexcellente*... O da *Empreza Litteraria de Lisboa*, succulento, sadio. O de *Luiz de Araujo*, esse Luiz, que é o Alexandre Herculano da historia de Portugal das iscas, e do tremoço saloio! O *Pae Paulino*, a dizer-se prophetico; e o do *Horticultor*, publicado sob a direcção de Duarte de Oliveira Junior, amador erudito, homem de gosto, que dá a medida da sua vocação para as letras, no tacto subtil, que se admira n'esta obra interessante, pela variedade incalculavel de noticias, pela utilidade dos assumptos; aqui opiniões sobre o fabrico do azeite, ali informações da conservação das flores, dos espargos, dos morangos, do sal na alimentação do gado, das hortaliças, de como se apressa a germinação das sementes, do petroleo na horticultura, dos insectos que atacam as oliveiras, do uso das flores naturaes na toilette...

O denodo de uma concorrente intrepida vem, de ha annos, abalar os diversos templos almanachicos como uma descarga de dynnamite. De intelligentissima actividade, attenta e infatigavel, o *Almanach das Senhoras* annunciou-se desde a primeira vez e não direi com a furia americana, mas com o desembaraço do homem dos cinco instrumentos, fazendo chegar o seu titulo, dia por dia, por cinco differentes tubos, em cinco noticias, a cinco jornaes de cada vez. Metade do anno a preparar o livrinho, e outra metade a não permittir que alguem deixe de o comprar, tem sido o empenho que uma escriptora talentosa e infatigavel, a sr.ª D. Guiomar Torrezão, parece haver contraido para comsigo propria, empregando, para esse fim, quanta diligencia uma alma de mulher, — titulo do seu primeiro romance, — póde n'este mundo pôr em pratica sem recorrer ao homicidio. Homens de mais, talvez, n'este *Almanach das senhoras, e homens*, d'aquelles, que o Soropita classificaria de picavecos apetrechados, que todo o seu cabedal empregam na contemplação do amor,... Tanto amor! Vae uma pessoa para a rua e não ha ver semelhante coisa. Que é d'elle? O amor! O que se observa, isso sim, é passar, quasi toda a gente, sem isso. Não por ser coisa que envergonhe o mundo; mas, comer amor, em verso e prosa, como quem come pão, chega a ter ares de abuso; tanto mais, que a pieguice nunca apparece ali nas composições feminis; são os homens, sempre os homens! e só os homens! que se encarregam de a não deixar na sombra .. Deveria, talvez, uma publicação d'esta ordem, dirigida como é, com fino engenho, ter uma secção especial destinada á moda, critica dos trajos e dos enfeites, elucidario dos termos especiaes de modas, indicação de obras notaveis de modistas celebres durante o anno, tal vestido da condessa esta, da viscondessa aquella, e o nome de alguma costureira que haja dado signal de vocação; se não me engano, isto poderia dar uma feição galante a estes livrinhos, que, litterariamente, tanto se recommendam pela boa direcção da sua fundadora.

Ultimamente o *Almanach Illustrado*, propriedade de F. Pastor e dirigido por Julio de Menezes, veiu revelar que ainda, em questão de almanachs, não estava dada a ultima palavra: — é comparavel em elegancia, este, aos primeiros almanachs da França! Se Julio de Menezes não se trata por tu com a chuva, nem me parece forte em andar ao corrente de que em tal dia, de tal semana, de tal mez, haja de estar este ou aquelle tempo; se não é primo do vento; se não annuncia confiadamente o sol, como se fôra um amigo seu, que não se atreva a faltar-lhe com um só de seus raios, em o *Almanach Illustrado* annunciando no calendario para o anno corrente que elle haverá de apresentar-se em tal data com todas as suas galas, tem o talento delicado, engenhoso, tem o que se chama *dedo*, para armar gentilmente o almanach em artigos curiosos, biographicos, vulgarisadores, interessantes, amaveis, acompanhados quasi todos de trabalhos de Pastor, e sem recorrer á collaboração de prosadores e charadistas, risonhos, lamurientos, philosophicos, logographicos, por modo que, só os versos... e os annuncios é que não sejam d'elle! D'elle sósinho, d'elle, com o seu chapeu de aba molle sobre a orelha, barba negra meio longa como a dos heroes, olhos pestanudos e languidos; passando no mundo com os ares de indifferença fria e melancholica, de quem só considere invejavel o destino dos bens tolos ricos, porque seja d'elles o reino da terra, mercê dos bens que têem, e figurarem na primeira linha entre os pobres de espirito, o que lhes garante, terem seguro um bom lugar no reino dos ceus.

Quantos são ao todo, hoje, os almanachs?

Não sei. Seria imprudente contal os. Ha alguns de mais, talvez... Mas que!? d'esses mesmos, que, em tanta maneira, parecem querer despedir-nos do prazer de ler, d'esses mesmos, póde dizer-se o que, certo homem, dizia das mulheres: — Gosto tanto d'ellaa, que, nem ellas mesmas, teem sido capazes de fazer que eu perca o gosto por semelhante coisa!...

JULIO CESAR MACHADO.

EVOLUÇÃO

> Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
> tronco ou ramo na incognita floresta...
> onda, espumei, quebrando-me na aresta
> do granito, antiquissimo inimigo...
> Rugi, fera talvez, buscando abrigo
> na caverna, que ensombra urze e giesta...
> eu, monstro primitivo, erguei a testa
> no limoso paúl, glauco pascigo...
> Hoje sou homem — e na sombra enorme
> vejo a meus pés a escada multiforme
> que desce em espiraes na immensidade...
> Interrogo o infinito e, ás vezes, choro...
> Mas, estendendo as mãos no vacuo, adoro
> e aspiro unicamente á liberdade.

ANTHERO DO QUENTAL.

DEVANEIO

A MORGADA DA RIBALDEIRA

Pelos campos fóra, ao largar da ceifa, aquelle caso era muito fallado. Os rapazes, crescendo á frente do rancho, de varapau traçado e jaqueta enfiada no hombro, arremetiam pimponamente, quando as raparigas, tranzidas de medo, encolhidas na sombra da noite que se estendia, afogando as arvores e alastrando-as na azinhaga em grandes manchas de tinta preta, faziam figas, benzendo-se á pressa, traçando o chale, conchegando o lenço, estugando o passo, anciosas de escaparem a um perigo invisivel, eminente, sobrehumano, que parecia ainda maior na tragica e somnolenta immobilidade da noute silenciosa...

O Chico Pau Real, o sceptico da aldeia, negava-se a acreditar na authenticidade do fantasma, e de cigarro atraz da orelha e chapeo descaido para a nuca, dizia graças, contava historietas de almas do outro mundo, partidas de lobishomens, casos de alminhas brancas, escorregando pelas chaminés e lambareando, á socapa, o melhor bocado da olha,—um desaforo de patranhas, boas, quando muito, para embalar meninos!

O Chico concluia, mettendo á bulha os medrozos e promettendo pregar umas azas de pau no fantasma, se na verdade alguem se quizesse fazer fino a embrulhar os *proves*.

Uma noute, havia cerca de tres semanas, o pequeno do Boiça recolhia da villa, onde tinha ido chamar o medico para a mãe, atacada de uma dôr.

Soprava uma nortada rija, que ramalhava nas arvores; o rapaz vinha corridinho de frio; ao saltar as poldras, na Ribaldeira, a vinte passos da quinta do morgado, o Manuel estacou de repente, no meio da agua que corria, arripiada pelo vento; um grito cavernoso, um grito ululante, que não parecia sair de peito humano, resoara na vastidão do campo; entrementes, o Manuel viu distinctamente sair da espessura do arvoredo e estender-se por cima do muro da quinta da Ribaldeira, uma figura de um tamanho desconforme, que tocava com a cabeça no ceo; pendiam-lhe dos hombros duas azas de fogo e arrastava pelos muros, pelas sebes dos vallados, pelos outeiros batidos do luar, um manto branco, que se desdobrava, cobrindo a terra...

O pequeno entrou em casa livido como um morto, a lingua entaramelada, os olhos saidos das orbitas.

O Boiça narrou o acontecido ao compadre, o compadre referiu o na botica, accrescentando alguns pormenores da sua lavra; tres velhas, esperando, assentadas no degrau de pedra, que lhe aviassem as receitas, ouviram e correram a divulgar a noticia de porta em porta, revestindo-a de episodios tetricos, em que o fantasma apparecia sob o aspecto de uma fera brava, avida de sangue, as fauces escancaradas, as garras aduncas, atirando-se uivante ao pobresinho de Christo e rasgando-lhe as entranhas.

N'este ponto da narrativa, matizada de largos gestos dramaticos e grande copia de ahs! e ohs!, surdiu o Manuel, escorreito e nedio, cravando os dentitos brancos como uma enfiada de pinhões, em uma broa de milho.

As mulheres atiraram-se ao rapaz e perguntaram em côro, um pouco mais desafinado do que os côros da Trindade, como fôra, onde tinha sido, se deitava lume pela bôca...

A tia Rosaria, um peccado velho do boticario, expiado pelos dois ex-culpados em devotos exercicios e austeras continencias, na edade em que os perdularios offerecem a Deus as migalhas que o diabo engeita, desejando certificar-se por suas proprias mãos se o manso cordeiro saira incólume das garras da fera, apalpava-o, comendo á socapa uns figos que o pequeno trazia no barrete.

A Josepha do Coxo, a Rita Pança e a Maria Rosa, fizeram côrtes, discutindo, assentadas no chão, fallando alto, destemidas, bracejando e rindo á luz clara e viva do sol, na plenitude do dia, no calor da sociedade reunida, visinhas e comadres: o circulo foi-se alargando com a chegada dos rapazes.

O Zé cantador abeirou-se, surrateiro, da Romana, guardada á vista pelo pae, e no tumultuar das vozes descobriu modo de deixar cair duas palavrinhas ternas.

Os rapazes, exaltados pelo contacto das raparigas, na roda em que os cotovelos se contundiam e as respirações se cruzavam, combinaram irem passar a noite á Ribaldeira.

Mas logo que o sol mergulhou no ocaso, escondendo no reconcavo do valle o seu disco de fogo, e pelo campo adormecido se desdobrou a doce melancolia do luar, caindo do alto um silencio religioso, no meio do qual as planicies tinham alvuras espectraes e os troncos das arvores resaltavam bruscamente, torcendo-se em attitudes fantasticas, parecendo ás vezes correrem em debandada ao longo da azinhaga, todas as valentias, comprehendendo a de Chico Pau real, cairam por terra; os paladinos sertanejos, em vez de partirem para a Ribaldeira, expostos a perigos mysteriosos, provenientes de encontros com extraviados do outro mundo, acharam muito mais commodo partirem para a taberna, onde atravez do espesso fumo da candeia lhes acenava de longe incoerciveis delicias o cigarro bregeiro, o baralho sebento e o vinho palhete.

N'essa noite, o Joaquim zarolho, pendido em cima da banca oleosa, collocada ao centro da taberna, defronte da chaminé, do alto da qual o locandeiro aguçava o appetite da malta, fazendo chiar no azeite quente as marmotas, teve um dito profundo.

Lembrou, que sendo aquella a sexta vizita que, pelos modos, o fantasma fazia á aldeia, era para desconfiar que na mesma existiria algum thezouro cubiçado pelos mortos, á falta de ser aproveitado pelos vivos.

*

A sr.ª D. Francisca de Villar Formozo, a morgada da Ribaldeira, como lhe chamavam na aldeia, era o crystal nitido onde se espelhavam todas as virtudes domesticas, susceptiveis de fazerem a felicidade de um homem.

A sr.ª D. Francisca, uma belleza forte, uma plastica de matrona biblica, exuberante de carnes de um frescor sadio, casara muito nova com o sr de Villar Formozo, celibatario maduro, proprietario abastado e constante parceiro ao voltarete do pae de Francisquinha, que, intencionalmente, se deixava codilhar, desfazendo-se, não raro, da espadilha e do basto, e tentando assim captivar, na periodica contemplação dos planturosos encantos da filha, esse endinheirado pretendente.

Aos dezoito annos, a idade das florescencias, Francisquinha foi conduzida ao altar pelo sr. de Villar Formozo, que completava n'esse dia de primavera o seu 41.º inverno.

Amigos experientes, educados na atmosphera dissolvente dos vicios modernos, fizeram sinistras prophecias em torno do noivo calvo e ingenuamente apaixonado...

Os conjugues partiram n'esse mesmo dia para a sua quinta da Ribaldeira: a srª. D. Francisca empunhou as redeas do governo, não só no que dizia respeito á gerencia interna do *ménage*, como á administração dos negocios de seu marido.

E em quanto elle dormitava, embrulhado no chambre de ramagem, reclinado na voltaire, enchendo a casa com o ruido do seu resonar explosivo, ella recebia os rendeiros, carteava-se com os fornecedores de vinho e azeite, conferenciava com os cazeiros, aconselhava novos processos no amanho das terras, verificava contas, revelava, em summa, todas as aptidões, mostrando uma surprehendente penetração e uma singular actividade.

E, talvez muito de proposito e caso pensado para desmentir amigos experientes e maldizentes, a sua virtude conservava-se branca e intemerata como o arminho da Bretanha.

Nunca uma suspeita, uma apparencia equivoca, ou um commentario ambiguo tinham alcançado essa exemplar existencia, digna de figurar na biblia entre as vidas castas e laboriosas das mulheres dos patriarchas, e superior pela immaculada isenção a ditos malevolos, ou a duvidas irreverentes.

A sr.ª D. Francisca de Villar Formoso chegara aos 35 annos sem haver perturbado, por um só instante, os limpidos sonhos de seu esposo, beatificamente acompanhados de um resonar pastoso, bordado de fioritures sonoras.

A boa senhora era o assombro, o enlevo e a providencia do burgo, sobre as miserias do qual as suas dadivosas mãos espalhavam esmolas pingues, destribuidas com os melindres de caridade annonyma, que se esconde nos recatos da sombra...

*

No sabado á noite, Pau real, que fôra á villa ajustar uma junta de bois, passou a um tiro de espingarda da Ribaldeira.

Era meia noite dada: o luar banhava a planicie de uma luz translucida; nos longes, os cabeços das collinas argentavam-se; o cantar dos grillos cortava o silencio da noite com uma nota incisiva, de uma vibração metallica. Dos fenos cortados vinha um cheiro sadio, que refrescava o ar transparente, de uma doçura contemplativa.

De repente, o Chico avistou um vulto branco caminhando direito ao portão da quinta; luzia-lhe no nedo uma pedra que faiscava como uma estrella; o portão abriu-se vagarosamente, rangendo nos gonzos, e o vulto,—o fantasma—, entrou, arrastando uma capa roçagante, que fluctuava ao vento...

*

No dia seguinte, a sr. D. Francisca de Villar Formoso saia da egreja pelo braço do sr. Arthur Gonçalves, um primo de seu marido, que vinha todas as semanas jantar á Ribaldeira e fazer a partida ao morgado.

A sr.ª D. Francisca e seu esposo subiram para o breack, que esperava no largo da egreja.

Os sinos repicavam festivamente e na claridade azul da manhã, risonha de sol e de verduras orvalhadas, os pombos batiam as azas.

Arthur Gonçalves demorou-se no adro, assestando o monoculo para as cachopas que retiravam da missa, e conversando com os rapazes.

A' partida do breack os homens, incluindo o sr. prior, que saia da egreja pelo braço do boticario,—personagem influente nas eleições e muito temente a Deus,—desbarretaram-se, com o respeito devido á sr.ª morgada. Sua excellencia sorriu-se de longe para as raparigas, que lhe atiraram beijos nas pontas dos dedos.

No grupo, Arthur fazia valer a sua fina superioridade de lisboeta, impondo-se á curiosidade do mulherio.

Uma allusão ao fantasma, assumpto obrigado de todas as conversações, provocou uma gargalhada de Arthur,—o loiro!

O lisboeta declarou que não acreditava, mostrou-se incredulo, pediu pormenores, testemunhando o desejo de poder ver o phenomeno.

Os homens, encostados aos marmeleiros, abandonavam-se ao deleite de narrarem minuciosamente, repetindo as mesmas particularidades, insistindo no espanto que causára á malta a novidade recente trazida por Pau real, um alma damnada que se *estrevera* a atravessar as poldras á meia noite, e que vira o fantasma entrar o portão da Ribaldeira!...

—Olha que admiração, suggeriu Joaquim zarolho, rompendo o grupo; vocês não veem um palmo adiante do nariz!... Então não se *alembram* que é sempre esse o paradeiro dos fantasmas?

—Que fantasmas? perguntou Arthur, o loiro, fazendo-se verde.

—Ah! vocemecê não sabe? todos os annos a gente temos tido um fantasma. E os renegados não largam a Ribaldeira!...

Um sorriso, dolorosamente sarcastico, contraiu a bôca de Arthur; o monoculo soltou-se-lhe da palpebra, descaida. Entrementes, Pau real,—o septico—,viu no dedo do lisboeta uma pedra, que faiscava como uma estrella.

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

LISBOA:—VISTA DE UMA PARTE IMPORTANTE DA CIDADE E DO TEJO

A natureza foi prodiga em presentear Lisboa com bellezas extraordinarias. A sua posição sobre collinas elegantes e formosas é realçada pelos encantos que lhe dá um clima esplendido, um ceu sempre limpido, e um soberbo rio, amplo e vasto,—o Tejo de crystal—cantado por todos os poetas da Europa.

Subir o rio feiticeiro desde a barra até Lisboa, é gozar um espectaculo maravilhoso e deslumbrante. As suas margens estreitam-se entre a Torre de Belem e o Lazareto; depois, a massa d'aguas, conservando sempre na distancia de algumas centenas de metros uma largura média, desenvolve-se e dilata-se de novo ao centro da cidade, entre o Arsenal da Marinha, na margem direita, e o Barreiro e Aldeia Gallega, na margem esquerda, n'uma extensão superior a quinze kilometros, ostentando uma larga bacia capaz de dar abrigo a todas as esquadras do mundo.

Cortar o Tejo, em vapor, na sua maior amplidão, desde o Barreiro até Lisboa, é um espectaculo grandioso. A cidade abre-se então, como um grande leque, aos nossos olhos deslumbrados, com os seus milhares de casas espalhadas na espalda das collinas e nas cumiadas dos montes.

E', pouco mais ou menos, esse quadro que a nossa gravura reproduz.

ARREDORES DA GOLLEGÃ

Ao Sul da Villa da Gollegã nota-se uma vasta área de terreno, de uma grande fertilidade, onde a paizagem é surprehendente. Limitam-n'a as serras de Minde, o Matto de Miranda, o rio Almonda e o Tejo, cujas aguas volumosas a invadem no inverno. Estas inundações são a providencia d'aquella região e a causa da sua notavel fertilidade. Muitas vezes a invasão das aguas é violenta, e o campo inundado toma o aspecto de um mar revolto, que produz prejuizos enormes, deslocando as terras e amontoando areias sobre os terrenos destinados á cultura; mas, exceptuando estes casos anormaes, a inundação deixa nos campos residuos que favorecem a alimentação das terras e as tornam aptas para a cultura de importantissimas producções.

A gravura que hoje damos representa uma formosa paizagem dos arredores da Gollegã, antes das inundações, copiada por Hildibrand de uma bella photographia da ex.ma sr.a D. Margarida Relvas.

O quadro não póde ser mais encantador e pittoresco em todos os seus detalhes.

DEVANEIO

Este quadro formosissimo é um dos mais estimados de quantos tem produzido o pincel magico de Saintin, pela correcção e elegancia no desenho, pela acertada collocação da figura e dos accessorios, e pela boa disposição da luz, que faz resaltar com felicidade os tons suaves do trajo e os formosos cabellos da gentil sonhadora. A attitude d'esta lindissima mulher justifica plenamente o titulo do quadro, e dispensa-nos de quaesquer palavras descriptivas.

ALEXANDRE HERCULANO

Nunca é de mais fallar dos mortos illustres. Ha nomes que vivem sempre na memoria de todos nós, e proferil-os de quando em quando, diante das multidões, chega a ser um dever sagrado. O nome de Alexandre Herculano pertence a esse numero; eternisa-se no espirito e no coração do povo. Embora o tempo chegue a consumir de todo os restos do historiador ingente, não se consumirá na alma popular a lembrança saudosissima do que elle foi e fez na sua passagem pela terra.

Eis ahi, diante de nós, o excentrico, o solitario, o lavrador de Val-de-Lobos. Na gravura que hoje damos apparece-nos com o que quer que seja d'um senhor de chacara, repousando das canceiras do seu labor quotidiano. E' um rustico vulgar, que nem de longe deixa adivinhar o grande historiador Homem do campo, Herculano recusava tenazmente, como todos os outros, sujeitar-se á *pose* correcta exigida pela machina photographica.

Mas um dia, Henrique Dulac, seu intimo amigo, foi a Val-de-Lobos, para reproduzir photographicamente algumas das mais bellas paizagens da quinta do eminente historiador. Herculano achava-se, n'esse dia, de um bom humor accessivel, mas teimoso,—o que estava no seu caracter e, ainda talvez no seu temperamento. Consentiu em se photographar—pela primeira vez na sua vida—mas sem pretensão, sem artificio. Com as suas grossas botas do campo, as suas calças ordinarias, o seu chapeu redondo; assentado á vontade sobre um cesto vindimo, estendendo as pernas na descuidada attitude de um camponez pão-pão, queijo-queijo.

Está encostado á porta da sua casa, o *seu reino*, segundo a phrase virgiliana. E' o seu meio, sente-se bem; ha na sua physionomia a tranquillidade satisfeita de quem possue o que vê. Perto, as plantas de que elle proprio trata, mais ao longe um cancello que abre sobre os seus campos. No todo geral do quadro o sabor rustico dos nossos costumes agricolas.

O CHALET DO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO

D'este formosissimo *chalet*, construido com desusada elegancia, bem como de todos os outros pontos do Palacio de Crystal, cuja situação é devéras magnifica, avista-se um horisonte soberbo e surprehendente.

O Palacio de Christal do Porto foi inaugurado em 30 d'agosto de 1861. Delineou a sua construcção o architecto inglez Sheilds, e executou a obra o architecto portuense, Gustavo Sousa. Um terceiro architecto, o allemão Emilio David, fez o desenho do parque e dos jardins.

O palacio tem quatro frentes, e mede 110 metros de comprimento e 72m,34 de largura. A cupula, que corre sobre a nave central em toda a extensão do edificio, é de ferro e de crystal.

A sua altura maxima é de 18m,90.

Pode recolher mais de dez mil pessoas.

O bello edificio está erguido no alto esplanado da Torre da Marca, d'onde se descobre o mais formoso e variado panorama da cidade do Porto e suburbios.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

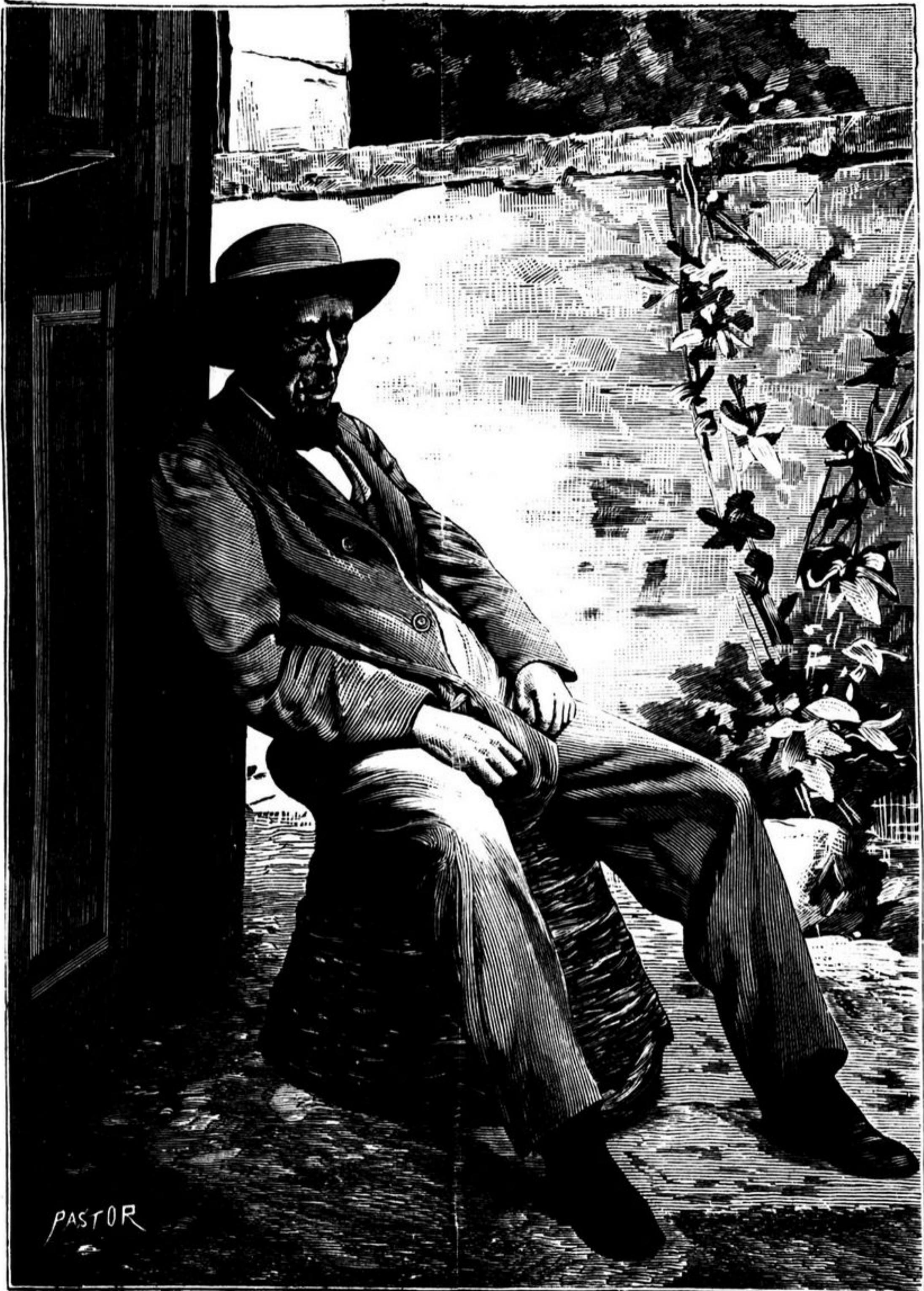
NOVISSIMAS

Aqui, este appellido caminha no deserto—1—2.
Da cabeça corre para o monte—2—2.
Meu irmão mede este instrumento—2—2.
Na musica esta minha parente toca—1—2.
O regente atormenta esta authoridade—2—1.
Sobre as costas não pede esmola além do Tejo—2—2.
Este militar é d'Aveiro e pertence á tropa—3—2.

A. MENEZES.

EM VERSO

(A' nova firma Portuense, M. M. & M., auctora dos Logogriphos «Savel e Astrolabio»)

Meus senhores:
Agradeço
As provas de distincção,
Que a vossa firma novata
Dispensa a mim, pobre anão.

ALEXANDRE HERCULANO

Para mostrar-vos o quanto
Eu me sinto penhorado,
Desde já lh'as retribuo
Com versos de pé quebrado:

O savel que me offertaes,
De gosto mui saboroso,
E' por mim considerado
Presente delicioso—2.

E tanto, que, d'escabeche
O vou mandar preparar;
Pois assim, tão isolado,
Poder-se-hia estragar. } 1.

Amigos:
E' melindroso,
E' brando... até delicado
Terminar co'a gratidão
Tamanho palavriado!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

(RESPOSTA AO SR. ANTONIO MARIA REGO)

Amigo: a sua charada,
Feita p'ra me arreliar,
Morreu logo, coitadinha.
Não conseguiu escapar!

Quer no verão, quer no inverno,—1.
Ver-me-ha sempre affirmar,—1.
Embora todos sustentem
Que mando os outros parar—1.

O conceito da charada
E' mui simples, pode crer.
Quem não fôr isto que eu digo,
Não deverá versos fazer.

Ajuda. A. FREITAS.

EM QUADRO

POR SYLLABAS

(AO PEQUENO ANTONINHO)

...Na crusta metallica existe um *residuo*.
...Nos Andes se eleva terrivel *vulcão*.
...Ao pé do Brazil um *ribeiro* vulgar.
...Procure na roda que anda em *rotação*.

Porto. O CLUB DOS TERRIVEIS.

CHARADAS TELEGRAMMAS

EM ACROSTICO

B olóta é planta?—1-1-1.
A rpéo é templo?—1-1-1.
L áparo é arvore?—1—1—1.
B aboca é pelêja?—1-1-1.
I dolo é fructo?—1-1—1.
N abiça é fenda?—1—1—1.
A mame é animal?—1—1—1.

Estremoz. JOAQUIM AUGUSTO CORREA

LOGOGRIPHO

Senhor doutor, 'stou doente,—2-4-3-10.
E creio ser este o mal.—9—7 6-1-5-3.
Prometto, se bem me cura,—11—5—3—5.
Grande *speech* n'um jornal.—5-3-2 8—4—5.

Com elles muitos se ufanam,
Alguns nem os sabem ler!
Só merece possuil-os
Quem trabalha e tem saber

J. B. DIAS.

ENIGMA

(A SILVERIO DA CONCEIÇÃO)

Dou-lhe todas as vogaes,
Da segunda á excepção,
Dou mais uma consoante,
O que, de certo, é bastante
Para tal combinação.

E depois verá, leitor,
Como a coisa é divertida.
Das minhas lettras, nenhuma
Examinando uma a uma,
Poderá ver repetida.

De certo quer um conceito,
Sim, é justo... é de razão.
Procure n'um continente
E diga aqui, de repente,
A procurada nação.

Faro. DOMINÓ BRANCO.

PROBLEMA

Suppondo um pendulo, cujo tempo de oscillação é inferior ao de presistencia das imagens na retina, por exemplo, egual a $\frac{1}{20}$ do segundo, e que se observa o seu movimento atravez de fendas equidistantes, collocadas na direcção dos raios d'um disco animado de movimento de rotação; determinar a relação entre a velocidade d'este movimento e o numero de fendas, afim de que o pendulo pareça immovel na posição de equilibrio, na hypothese de começar a observação quando o plano vertical d'uma das fendas contém o pendulo na sua posição de equilibrio.

M. D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Polinomio—Pelucia—Carolina—Paulino—Cantagalo—Guiomar—Belladona—Perdiz—Candido.
DA CHARADA EM VERSO:—Agnocasto.
DA CHARADA EM M:

lu a
M
me la ço

DOS LOGOGRIPHOS:—Zamolxis—Hermenegilda.
DO PROBLEMA:—O menor numero d'ovos é 301, por ser este o menor multiplo de 7 que dividido por 60 (menor multiplo dos numeros 2, 3, 4, 5 e 6) dá um resto egual a 1.

ERRATA RELATIVA Á DECIFRAÇÃO DO PROBLEMA DO N.º 17

Em logar de «A differença entre o resultado obtido é 35, leia-se «A differença entre o resultado obtido e 35, etc.

DUAS MARGARIDAS

I

D. MARIA MARGARIDA PEREIRA CAMBIAXI

(1816)

Esta extraviada do Parnaso, e tambem divorciada da grammatica, deu á luz dois folhetos em verso, em 1816, que se vendiam debaixo da arcada do Terreiro do Paço, correndo parelhas com outras producções litterarias que,

No Arsenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'um barbante.

Allega a ré em sua defeza o sexo a que pertence, e a ignorancia que lhe coube em partilha, da seguinte maneira:

Toda a desculpa me acode,
Não só por que mulher sou;
Mas por que o sabio estudo
Meu estro não ajudou.

E dos seus versos confessa que:

Seguem só o natural
Por ser mestra a natureza.

Rasões estas de cabo de esquadra, que não colhem em assumptos litterarios, devendo D. Maria Margarida lembrar-se do anathema secular que pesa sobre os sapateiros que tocam rabecão, peccado menos grave do que cantar á desgarrada, comtanto que um *ão* rime com outro *ão*, embora o senso commum morra asphixiado entre ambos elles.

A natureza nem aos rouxinoss ensinou a cantar. São elles que nascem já fadados para a musica, e com aquelle dom que é seu d'elles, e de poucas aves mais. Vejam lá se o pardal já alguma vez se metteu a ensaiar trinos, ou a modular cantigas!

Se a auctora fosse viva, contava-lhe eu aqui a impagavel historia do melro branco, tão singellamente narrada por Alfredo de Musset, na esperança talvez illusoria, de a trazer a bom caminho, isto é, para junto do cesto da costura de que nunca se devêra ter apartado.

Pede ainda D. Maria Margarida ao leitor que se lembre de que ella é mulher, requerimento que não póde ser favoravelmente despachado, attendendo a que a ré reincediu no crime de fazer versos, publicando aleivosamente um segundo folheto, aggravado com maior numero de paginas, e em que calumnia as velhas, attribuindo-lhes um calão, com que nas occasiões de apuro a auctora do folheto cuida salvar-se de não saber orthographia.

E' assim que na prefação do segundo libello contra a arte poetica D. Maria Margarida escreve, dizendo serem em *linguagem de velha*, as seguintes quadras que aggravam a sua situação perante a critica:

Eu era muita menina
Eram dez os annos meus,
Cando intentei ser *pueta*
Contra a vontade de Deus.

Como ella se conhecia! Depois accrescenta:

Pois a fallar a verdade
Foi tal a desgraça minha,
Que não tive de lição
Nem uma só palavrinha.

Mas sempre quiz *assubir*
(Não se dá maior tonteira!)
O' *Parnazio*, sem saber
Nem caminho, nem carreira.

E como ás cegas prantei
Os pés em riba do monte,
Aqui caio, alem tropeço
Não atinei com a Fonte.

Que lhe chamam a Castrália
(Tal fonte não pude ver)
Aonde por fina força
Os *puetas* vão beber.

Além de me não constar que as velhas fallem, como assevera a auctora, mesmo as que não *atinam com a fonte onde os puetas vão beber*, os versos de D. Maria Margarida são de tal ordem, que até Innocencio da Silva, que não era muito dado a julgamentos asperos, os classifica *como áquem da mediocridade*, o que ainda foi um grande favor que lhes fez.

Por isso eu duvido que os dois *auzequios* que a auctora pediu na prefação dos seus versos fossem attendidos em tempo, especialmente o segundo *que era pedir dinheiro aos leitores*.

Os dois folhetos de D. Maria Margarida constam exclusivamente de quadras, glosadas em decimas, mais pesadas ainda, diga-se para honra dos nossos financeiros, de que as outras decimas que aos semestres nos caem em casa, com os nomes de pessoal e industrial, sem contar com as innumeras subdivisões do genero.

A monomania da poetisa (vá lá o nome por excepção) é a de estropiar a linguagem vulgar, já de si escalavrada sem intenção pela auctora, pondo-a ora na bocca de velhas, ora de algaravios, ora de pretos, que fallam de um modo que estou em dizer que nem o sr. Adolpho Coelho, que conhece as origens de todas as linguas, seria capaz de lhes atinar com a procedencia.

Hesitei ainda se devia ou não devia dar entrada n'este livro a D. Maria Margarida Cambiaxi, mas, fiado na palavra honrada de Camillo Castello Branco, que diz no seu «Cancioneiro Alegre»: que *tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio da misericordia divina*, transcrevo em seguida essas decimas, de de que se fará recebedor quem prestar fiança idonea de poder jogar o jogo dos sisudos depois de as haver lido [1]

[1] Poupo aos leitores da «Illustração», a transcripção das decimas a que me refiro, que acharão cabimento no livro a que já me tenho alludido n'este semanario, ácerca das escriptoras portuguezas.

II

D. JOANNA MARGARIDA MANCIA RIBEIRO DA SILVA

(1815—1820)

Aqui temos nós outra do mesmo theor e fórma!

Assim como ha annos de ruim fructa, ha-os tambem de poetas detestaveis. O primeiro quartel d'este seculo andava de nariz no ar, farejando não sei precisamente o que, não de certo a arte, nem coisa que se parecesse com ella.

As Margaridas então parece que se não benziam!... Acabámos de vêr no capitulo anterior, como uma mulher d'este nome se fizera poetisa «contra a vontade de Deus», e já topámos com outra calçando pela mesma fôrma, se é que se lhe não avantaja em descôco!

Se a lendaria Margarida do Fausto tivesse nascido com o sestro d'estas suas duas homonymas, adeus poema de Goëthe, adeus musa de carne e osso do maior poeta do seculo XVIII!

Se o Fausto de libidiniosa memoria, tivesse encontrado no caminho qualquer das nossas duas Margaridas, deitava a fugir com medo de ser obrigado a ouvir-lhes recitar os versos, apesar da sêde de saber que o devorava.

No prologo do terceiro folheto dos versos de D. Joanna Margarida (os prologos são ás vezes traiçoeiros) escreveu a ingenua rimadora: «No anno de 1812 promulguei eu a minha primeira collecção de poesias lyricas (lyricas!), e o seu rapido consumo fez a minha admiração».

Ora promulgar significa publicar solemnemente, e não me parece que uns folhetos impressos em papel pardo, e vendidos surrateiramente em casa da auctora, (que por signal morava então na rua dos Capellistas n.º 46,) tivessem ao apresentarem-se em publico a solemnidade que D. Joanna Margarida quer dizer.

Mas, nem tudo são rosas cá n'este mundo! Falla ainda a interessada: «Em 1815 publiquei segundo folheto que não teve o mesmo successo (já a conheciam!) Depuz então a lyra para applicar-me ao estudo da lingua francesa, na qual, soffrivelmente instruida e possuindo todos osboletins e mais *papeis ministeriaes* da campanha da Russia, imaginei por meio de uma compilação dar em Lisboa um resumo historico d'aquella desastrosa campanha.»

Bem. Até aqui sabemcs que D. Joanna possuia os *papeis ministeriaes* de uma campanha, o que cheira de leve a bernardice, mas o melhor vae lêr-se agora:

«Depois de arranjado (o Resumo historico) e antes de impresso, consultei sobre a classificação das materias, e o seu contheudo, alguns officiaes, *que não são dos que marcham, porque os outros marcham*, e que tendo testemunhado os factos sobre o terreno, me forneceram as notas, que lhe additei!»

Agora proponho eu um premio de consolação, como se diz nas corridas de cavallos, a quem entender o *que são officiaes dos que não marcham, porque os outros marcham*, e que tendo testemunhado os factos sobre o terreno (quaes d'elles, os que estavam parados ou os que andavam?) ilucidaram a auctora sobre a classificação do *contheudo das materias* contidas no livro!!

Como se vê, achei ainda pouco um ponto de admiração para cerrar o arrasoado de D. Joanna Margarida, e por isso lhe puz dois, ficando ainda com remorsos da minha parcimonia.

As mulheres não teem meio termo em cousa nenhuma. Se lhes dá para serem velhacas anda tudo n'um sarilho com ellas; mas tambem se descambam para a parvalheira, sou um seu creado!

A nossa D. Joanna Margarida, se havia roer comsigo as suas decepções de prosadora, escreveu: *Sómente tirei d'esta empreza o custo da impressão, contando-me que muitas pessoas attribuiram a penna alheia tanto esta obra* (a da campanha da Russia) *como os meus dois folhetos de poesias*

O que me magôa é ter ella tido occasião de se alijar da carga dos seus peccados litterarios, e deixar-se ficar com elles a sobrecarregarem-lhe a consciencia!

A sinceridade d'ella demonstra-se d'este modo: «Finalmente, tendo tido a fortuna de concorrer nas poucas sociedades que frequento, com alguns d'estes incredulos, não só os desenganei pelos improvisos de que fazia versos, mas fui por todos instada a que désse ao prelo este terceiro opusculo.»

A posteridade não está com certesa agradecida aos taes incredulos, que deixaram de o ser, dando conselho tão despropositado a D. Joanna Margarida.

Lêr os folhetos d'estas duas arrumadoras de consoantes, é uma e a mesma cousa. Ambas pediam esmolla em verso. O Tolentino tinha-lhes dado o exemplo. D. Joanna Margarida escrevia;

Musa minha, protegei,
Alta empresa em que *me mello*,
Fazei *que agradem* os versos
D'este terceiro folheto.

A's pessoas que me prestam
Generosa subscripção,
Quero seja dedicado
Em signal de gratidão.

....

Portanto, não querendo Clio
Minha mente bafejar,
Nomes que tanto respeito
Como posso decantar?

Pelo catalogo d'elles,
Fique d'elles a memoria:
Elles pagam-me a impressão,
Fazem-me honra, dão-me gloria.

Pelo carro se adivinha quem vae dentro. Este aphorismo de alquilé, applicado aos respectivos prefacios das duas Margaridas, diz-nos de sobejo o que ellas foram como poetisas.

O que para mim é motivo de benevolo reparo é dizer Innocencio da Silva que segundo as informações colhidas pelo sr. Pereira Caldas, parece ter sido a nossa herisiarca natural da provincia do Minho, e nascida entre Guimarães e Pombeiro, caso que se chega a evidenciar-se, não honrará Pombeiro nem Guimarães, nem a aldeola intermediaria entre os dois suppostos berços da poetisa que veio prosaicamente metter-se na rua dos Capellistas, como ella propria confessa.

O que sempre é bom saber-se vem a ser que D. Joanna Margarida conheceu a sua rival Maria Margarida, e que longe de se assombrar com a guisalhada das suas rimas, lhe glosou algumas quadras, o que denuncia não sei se diga humildade, se basofia da parte da fiandeira d'este novello metrico;

Amo sem mais fim que amar,
E' nobre a minha paixão;
Sigo a lei da natureza.
Ouço a voz do coração!

pretexto poetico tão engoiado, que nem depois de diluido em decimas chegou a deitar succo.

Para não deixar de trascrever alguns versos de D. Joanna Margarida, ahi vão esses, não por que sejam melhores, nem peores que os outros, mas por que a auctora n'elles *reprehende a musa*, que a tem trasido enganada, o que já é um ligeiro indicio até de arrependimento. (*)

L. A. PALMEIRIM.

O CHALET DO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO

A RIR

Requinte de modestia:

Um poeta de cabelleira mirabolante é admittido a ler uma peça da sua lavra entre varios escriptores e jornalistas.

O author assenta-se, colloca o manuscripto sobre os joelhos, tira do bolso uma duzia de lenços immaculados, e apresenta um a cada assistente, dizendo-lhe:

—E' um drama!...

*

No asphalto:

Um policia, ajudando um bebado a levantar-se.

—Você não tem vergonha de se ter posto n'esse estado?!

—Então que quer? Enterrou-se hoje minha sogra, e nem todos os dias acontece isso á gente!

*

No *foyer* d'um theatro, falla-se das actrizes ausentes e, como é de suppor, toca-se rebeca.

—E que te parece a Luciana?

—E' uma rapariga muito capaz: vae visitar todas as manhãs o commissario de policia!

*

A menina X... conversando com sua mamã, queria referir-se a uma amiga que acabava de enviuvar pela quarta vez, mas não se lembrava do nome d'ella.

—E' a senhora... a senhora... A mamã sabe perfeitamente... aquella que está todos os dias a casar...

UM CONSELHO POR SEMANA

Acontece muitas vezes mancharem-se de varias substancias oleosas papeis importantes, que desejariamos conservar immaculados.

Para remediar este mal, aconselharemos o seguinte processo: cobrem-se ligeiramente os dois lados da mancha com argila branca reduzida a pó fino por meio da dilatação; colloca-se sobre esta camada d'argila uma folha de papel, e põe-se tudo sob uma prensa qualquer. No fim de vinte e quatro horas renova-se a mesma operação, e a mancha terá desapparecido completamente.

(*) Continuo a obsequiar os leitores da «Illustração» privando-os da leitura dos versos de D. Joanna Margarida, o que elles muito deveras me devem agradecer.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA